

# Espaço Seguro - Não Ultrapasse: South Park e as os Perigos das Bolhas na Internet

*Safe Space - Do Not Cross: South Park and the Dangers of the Internet Bubbles*

Submetido em: 29/06/2023

Aceito em: 11/09/2023

Júlio César Brandão Carvalho<sup>1</sup>

**Resumo:** Vivendo em um mundo dominado pela internet e pela mídia, estamos constantemente conectados online através de uma infinidade de dispositivos. A sociedade de hoje é caracterizada por uma fluidez espacial que torna as fronteiras associadas à vida, embaçadas. O ser humano do nosso século, como cidadão do mundo, busca sua própria dimensão social em contextos caracterizados pelas mesmas características que transmitem uma sensação de segurança e familiaridade. É assim que muitos se encontram imersos em um mundo de filtros bolhas e espaços seguros. Uma série de televisão que capturou essa dinâmica de maneira curiosa é a icônica South Park, que está no ar há mais de 25 anos. O programa começou como uma comédia animada grosseira e, ao longo do tempo, evoluiu para uma sátira mordaz dos eventos modernos. Neste contexto, abordaremos os episódios "Safe Space" e "Truth and Advertising" da série animada, nos quais são retratados os espaços seguros criados para indivíduos que se sentem marginalizados se reunirem. Essa análise será fundamentada nas teorias de Augé (1995), Fairclough (1989, 1995, 2003, 2016) e Pariser (2015), que fornecem insights sobre a noção de segurança explorada nos trechos selecionados dos episódios, que diz respeito à proteção e exclusão de mentalidades conflitantes.

**Palavras-chave:** Internet; não-lugares; filtros bolha; espaços seguros, South Park.

**Abstract:** As we live in a world dominated by the internet and media, we are constantly connected online through a plethora of devices. Contemporary society is characterized by spatial fluidity that blurs the boundaries associated with life. The 21st-century individual, as a global citizen, seeks their own social dimension in contexts characterized by the same features that convey a sense of security and familiarity. This is how many find themselves immersed in a world of filter bubbles and safe spaces. An iconic television series that has captured this dynamic in a curious way is the long-running South Park, which has been on the air for over 25 years. The show started as a crude animated comedy and has evolved over time into a biting satire of contemporary events. In this context, we will delve into the episodes "Safe Space" and "Truth and Advertising" from the animated series, where safe spaces created for individuals who feel marginalized are depicted. This analysis will draw upon the theories of Augé (1995), Fairclough (1989, 1995, 2003, 2016), and Pariser (2015), providing insights into the notion of safety explored in the selected excerpts of the episodes, pertaining to the protection and exclusion of conflicting mindsets.

**Keywords:** Internet; non-places; filter bubbles; safe spaces, South Park.

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professor EBTT de língua inglesa do ensino fundamental e médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0848648360979189>. OrcID: <https://orcid.org/0009-0001-2247-8289>. E-mail: [juliobrand@gmail.com](mailto:juliobrand@gmail.com).

## Introdução

O ciberespaço da internet (ou a chamada “blogosfera”), uma infraestrutura de tecnologias comunicativas e digitais, e “também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (Levy, 1999, p. 16.), não só é um modo de comunicação e participação – configurou-se em um novo espaço público, mas sem uma delimitação física do seu espaço. Logo, não é de se admirar que alguém possa querer limitar o que compartilha e como interage online.

Hoje, estamos constantemente imersos na internet e na mídia, não apenas durante o dia e a noite, mas a cada segundo que passa. Permanecemos conectados online através de uma variedade de dispositivos, como notebooks, celulares, tablets, smartwatches, computadores, TVs e assistentes virtuais, 24 horas por dia, 7 dias por semana. Utilizamos sites de mídia social que operam com algoritmos complexos em segundo plano, limitando nossa exposição à verdade por trás dos diferentes tópicos que pesquisamos, restringindo-nos a uma zona de conforto que oferece pontos de vista homogêneos. Como resultado, observamos uma tendência crescente de buscarmos filtros bolha e espaços seguros<sup>2</sup>, conforme destacado por Pariser (2015). Esses ambientes nos proporcionam conforto ao apresentar apenas informações, conceitos, notícias, entretenimento e assuntos políticos que se alinham às nossas próprias ideias e opiniões. No entanto, essa excessiva proteção pode levar à propagação de perspectivas unilaterais e posturas problemáticas em fóruns, seções de comentários ou respostas, onde não há espaço para opiniões discordantes, julgamentos ou críticas que possam desafiar nossas crenças e nos fazer sentir “desconfortáveis”.

Dois episódios da 19ª temporada da série animada South Park abordaram de maneira curiosa o tema dos filtros bolha e espaços seguros. Ao longo dos anos, a série evoluiu de uma comédia grosseira para uma sátira sobre eventos contemporâneos, e não

---

<sup>2</sup> Nos E.U.A., os espaços seguros têm suas origens na comunidade LGBTQIA+ e, desde então, foram adaptados para uso também por outras comunidades marginalizadas. Destinam-se a facilitar a comunicação e a autoexpressão livres de julgamentos. Um espaço seguro pode existir abstratamente, como durante uma conversa sobre um assunto delicado, ou em fóruns online; ou fisicamente, como uma sala de reuniões privada. Muitas faculdades nos Estados Unidos oferecem zonas seguras em uma determinada sala ou salas no campus, geralmente marcadas por um adesivo ou placa.

ficou indiferente às polêmicas das redes sociais, sendo muitas vezes alvo delas. South Park apresenta pontos de vista peculiares sobre o mundo e o contexto atual, explorando as ambiguidades e ambivalências características do humor carnavalesco e grotesco. Sendo assim, sua longevidade no ar nos permite analisar como os episódios retrataram os espaços online nos quais indivíduos que se sentem marginalizados encontram refúgio.

Dessa forma, a análise dos episódios nos oferece uma perspectiva inusitada e intrigante sobre os espaços seguros na sociedade contemporânea. Através do humor satírico e muitas vezes provocativo, a série nos convida a refletir sobre a necessidade de confrontar ideias divergentes e sair da nossa zona de conforto. Ao explorar tal temática, South Park desafia as noções convencionais de proteção e questiona os limites do diálogo aberto e do intercâmbio de perspectivas, promovendo assim uma análise crítica da cultura contemporânea e das dinâmicas sociais que moldam nossas interações online. Para tanto, foram analisados, dois extratos dos episódios *Safe Space* (episódio 05, temporada 19) e *Truth and Advertising* (episódio 09, temporada 19), centrados no tema dos espaços seguros e ambientes online. Os episódios encontram-se para visualização gratuita em <https://www.southparkstudios.com.br/en/episodes>. O referencial teórico está centrado em Augé (1995), Fairclough (1989, 1995, 2003, 2016) e Pariser (2015).

### **Filtros, não-lugares e espaços seguros**

A sociedade contemporânea é marcada por uma crescente fluidez espacial, que torna as fronteiras tradicionais da vida cada vez mais difusas. Nesse contexto, os indivíduos do século atual, como cidadãos globais, buscam encontrar sua própria identidade social em espaços caracterizados por características que oferecem uma sensação de segurança e familiaridade, como os chamados "não-lugares". Segundo a definição de Marc Augé (1995), os não-lugares são espaços que não possuem identidade, relações interpessoais ou uma história significativa, ao contrário dos lugares antropológicos.

Esses não-lugares, como aeroportos, shopping centers, estações de metrô e outros espaços transitórios, são frequentemente experimentados como espaços neutros e despersonalizados, onde as interações sociais são limitadas e superficiais.

Eles se tornam locais de passagem, nos quais os indivíduos buscam sua própria dimensão social, muitas vezes recorrendo à conectividade digital para estabelecer relações e encontrar um senso de pertencimento.

Essa dinâmica de busca por segurança e familiaridade em não-lugares reflete a natureza volátil e globalizada da sociedade contemporânea. Os indivíduos buscam criar laços e identidades em espaços que podem ser acessados rapidamente e oferecem uma sensação de conforto, mas que carecem das características profundas e significativas dos lugares tradicionais. Essa realidade ressalta a importância do entendimento das transformações sociais e espaciais para compreendermos as dinâmicas de identidade e pertencimento na era da modernidade líquida.

Augé (1995) define uma “nova” modernidade, caracterizada por fenômenos sociais, culturais, econômicos específicos, típicos das sociedades complexas do final do século XX: uma supermodernidade que está intimamente ligada ao fenômeno da globalização e gera um não-lugar, e que “decorre simultaneamente de três figuras de excesso: **superabundância de eventos, superabundância espacial e individualização de referências**” (Augé, 1995, p.109 – grifos do autor).<sup>3</sup>

- a) Superabundância de eventos: a temporalidade atual está repleta de eventos que logo acabam no esquecimento do passado, e sua efemeridade não deixa espaço para o planejamento de um futuro a longo prazo;
- b) Superabundância de espaço: o mundo amplia seus horizontes sedentários e as grandes concentrações urbanas, as transferências de populações e a multiplicação de instalações e meios de circulação acelerada estão aumentando;
- c) Superabundância de individualismo: o aumento desproporcional das referências espaciais e temporais torna necessário que todos busquem um caminho pessoal que responda às demandas do dinamismo contemporâneo.

Para Augé (1995), os verdadeiros não-lugares da supermodernidade, os que habitamos quando estamos dirigindo por uma autoestrada, vagando pelo supermercado ou sentados na área de embarque de um aeroporto esperando o próximo

---

<sup>3</sup> Tradução nossa: which stems simultaneously from the three figures of excess: **overabundance of events, spatial overabundance and the individualization of references**) naturally finds its full expression in non-places.

vão, têm a peculiaridade de serem definidos em parte pelas palavras e textos que eles nos oferecem “suas **“instruções de uso”**, que podem ser prescritivos ou informativos (“pegue a faixa à direita”), proibitivos (“proibido fumar”) ou informativos (“você está entrando agora na região de Beaujolais”)” (Augé, 1995, p.96 – grifos do autor).<sup>4</sup>

No mais, os não-lugares são os nós e redes de um mundo sem fronteiras, e de um ponto de vista estrutural, eles são idênticos em qualquer lugar do mundo, já que “na realidade concreta do mundo de hoje, lugares e espaços, lugares e não-lugares se entrelaçam e se misturam. **A possibilidade de não-lugar nunca está ausente de qualquer lugar**” (Augé, 1995, p.107 – grifos do autor).<sup>5</sup> Ademais, é possível pensar no não-lugar então como uma dimensão suspensa em que muitos atores, eventos, necessidades, cruzam-se sem nunca realmente se misturar.

Em síntese, um não-lugar pode melhor ser entendido como um “lugar”<sup>6</sup> que não tem história e, conseqüentemente, é desprovido de identidade. E, se o não-lugar é “o espaço da supermodernidade” (Augé, 1995, p. 111) e seu principal constituinte é “a qualidade de excesso” (Augé, 1995, p. 30), talvez o “não-lugar” mais apropriado no teor da palavra, seja a internet. Certamente não em um sentido físico, mas a internet é tratada como um lugar. O próprio vocabulário usado para descrevê-la evoca imagens de lugar: é composta de “sites”, “páginas”, “nomes de domínio” e “endereços”, onde as pessoas podem “entrar” e interagir anonimamente (ou não). Na supermodernidade, a internet é cada vez mais vista como um “lugar” para o qual as pessoas “estão”.

Ademais, há eventos fugazes que logo acabam fadados ao esquecimento: *memes*; *stories* e *status* de redes sociais que ficam apenas 24 horas disponíveis antes de serem apagados. E, embora a maioria dos sites produza um histórico de uso, eles são atualizados continuamente, e a antiga localização de tais atividades tende a ser “perdida” com o tempo. Qualquer histórico real do site desaparece à medida que o uso continua e muda. Dados de sites são modificados ou até mesmo deletados. Vídeos são retirados do ar, softwares deixam de ser suportados, comentários em redes sociais são apagados...

<sup>4</sup> Tradução nossa: **their ‘instructions for use’**, which may be prescriptive or informative (‘take right-hand lane’), prohibitive (‘No smoking’) or informative (‘You are now entering the Beaujolais region’).

<sup>5</sup> Tradução nossa: In the concrete reality of today’s world, places and spaces, places and non-places intertwine and tangle together. **The possibility of non-place is never absent from any place.**

<sup>6</sup> Augé (1995, p. 81) observa que “lugar” e “não-lugar” não devem ser tratados como uma dicotomia, pois isso levaria a conotações negativas no manuseio dos não-lugares.

A internet parece ser a reificação da combinação de um não-lugar e supermodernidade. Aqui, o fundamental para a sua compreensão como um não-lugar é que seu caráter é transitório e dinâmico. Além disso, entrar requer auto-identificação (senhas de sites, e-mails, conexões 4G, 5G e Wi-Fi, endereços IPs etc.), ao passo que as características que geralmente servem para identificar uma pessoa *off-line*: sexo, idade, características físicas, por exemplo, podem ser e são facilmente ocultas ou deturpadas.

Ao mesmo tempo em que se está “sozinho, mas um entre muitos” (Augé, 1995, p.101)<sup>7</sup>, fica-se também sob constante “vigilância”. Como consequência, a internet e suas oportunidades de uso gradualmente se tornaram uma preocupação de segurança na sociedade moderna, ambientando-se, por muitas vezes, de maneira hostil e insegura para fazer negócios, conversar ou compartilhar com amigos. Redes sociais, como o *Twitter*, *Instagram* e o *Facebook*, tendem a centralizar o problema onde *spywares*<sup>8</sup>, *fake news*<sup>9</sup>, *ad trackers*<sup>10</sup>, polarização política, *deepfakes*<sup>11</sup>, e os chamados *trolls*<sup>12</sup>, por exemplo, podem ser encontrados.

Ainda assim, a tendência é o uso constante das formas modernas de procurar informações (aplicativos, textos, verbetes, músicas, vídeos, locais, avaliações etc.) online, ao passo que sempre que se precisa pesquisar algo, confia-se na internet (Pariser, 2015). Pariser (2015) ainda diz que o problema é que a internet estaria se adequando à visão de mundo de cada um: “cada vez mais, o monitor do nosso computador é uma espécie de espelho que reflete nossos próprios interesses, baseando-se na análise de nossos cliques feita por observadores algorítmicos” (Pariser, 2015, p.09).

A maior parte das pessoas imagina que, ao procurar um termo no Google, todos obtemos os mesmos resultados – aqueles que o PageRank, famoso algoritmo da companhia, classifica como mais

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “alone, but one of many”.

<sup>8</sup> Tipo de programa automático (instalado sem consentimento) destinado a se infiltrar em um sistema de computadores e *smartphones*, para coletar informações pessoais ou confidenciais do usuário.

<sup>9</sup> Distribuição deliberada de desinformações ou boatos.

<sup>10</sup> Rastreamento de anúncios.

<sup>11</sup> Técnica que utiliza recursos de inteligência artificial para substituir rostos em vídeos e imagens falsos, mas realistas.

<sup>12</sup> Pessoa cuja intenção é provocar emocionalmente os membros de uma comunidade através de mensagens controversas ou irrelevantes.

relevantes, com base nos links feitos por outras páginas. No entanto, desde dezembro de 2009, isso já não é verdade. Agora, obtemos o resultado que o algoritmo do Google sugere ser melhor para cada usuário específico – e outra pessoa poderá encontrar resultados completamente diferentes. Em outras palavras, já não existe Google único. (Pariser, 2015, p.08)

Pariser (2015) denomina esse fenômeno de filtros bolha, e estaríamos, na verdade, permitindo que o Facebook e o *Google* nos limitem em aprender qualquer coisa do mundo exterior do que já nos é conhecido.

### **Discursos e Cultura Pop(ular)**

A internet trouxe uma revolução sem precedentes na forma como nos comunicamos, encurtando as distâncias e conectando pessoas em diferentes partes do mundo. Para muitos, a internet se tornou o meio preferido, se não o único, para pesquisa e comunicação. Com o avanço das tecnologias e a globalização dos mercados, o acesso à informação se tornou mais amplo e rápido, com um volume crescente de dados disponíveis online para qualquer indivíduo. Essa transmissão de informações tem como uma das suas consequências a divulgação e expressão multicultural, promovendo a interação humana de formas inimagináveis. Volochinov (2017) enfatiza que a interação verbal é a base fundamental da linguagem, constituindo a própria realidade da língua. Por sua vez, Fairclough (1989, p.18) propõe que “a linguagem faz parte da sociedade”<sup>13</sup>. Além disso, ele também argumenta que a linguagem e a sociedade não estão relacionadas no sentido externo, mas sim, internamente. Em termos mais simples, fenômenos linguísticos refletem fenômenos sociais, e também o contrário. A linguagem, segundo Fairclough (1989, p.19), é “um processo social”<sup>14</sup>. Essas perspectivas teóricas nos ajudam a compreender a importância da linguagem e da internet como fenômenos sociais e comunicativos. A linguagem não é apenas um meio de expressão, mas também um reflexo das dinâmicas sociais. Da mesma forma, a internet não é apenas uma ferramenta tecnológica, mas sim um espaço onde interações sociais e culturais se desenrolam.

---

<sup>13</sup> Tradução nossa: “language is a part of society”.

<sup>14</sup> Tradução nossa: “a social process”.

É fundamental reconhecer a complexidade e a interconexão entre linguagem, sociedade e internet para uma compreensão mais abrangente do impacto desses fenômenos na nossa vida cotidiana.

No entanto, é importante reconhecer que a proliferação de informações na internet também apresenta desafios. A facilidade de acesso e a quantidade massiva de conteúdo disponível tornam essencial a habilidade de discernir entre informações confiáveis e desinformação. Além disso, a interação online nem sempre reflete as nuances e complexidades da comunicação face a face, podendo levar a mal-entendidos e conflitos. Portanto, embora a internet tenha proporcionado oportunidades significativas de interação cultural e troca de conhecimentos, é necessário um discernimento crítico ao navegar nesse vasto oceano de informações para aproveitar plenamente seus benefícios.

Ademais, Fairclough (1989) faz uma importante distinção entre texto e discurso, argumentando que o texto é um produto, enquanto o discurso é um processo que envolve interação social, no qual o texto desempenha um papel fundamental. Além disso, ele propõe que a linguagem seja vista como um processo socialmente condicionado, onde esse processo abrange tanto a produção do texto quanto a interpretação do mesmo. Essa compreensão enfatiza a relação intrínseca entre a linguagem e as práticas da sociedade (Fairclough, 1989, p.20). Ao considerar essa perspectiva, percebemos que a linguagem não é apenas um conjunto de palavras e estruturas gramaticais, mas também um processo dinâmico que ocorre em um contexto social específico. O discurso é moldado e influenciado pelas normas, valores e relações de poder presentes na sociedade. Portanto, compreender o discurso requer uma análise não apenas do texto em si, mas também dos elementos sociais, políticos e culturais que o permeiam. Essa abordagem de Fairclough nos lembra que a linguagem não é neutra, mas carrega consigo significados e ideologias que refletem as práticas e estruturas sociais. Ao considerarmos o processo de produção e interpretação do texto, podemos entender melhor como o discurso é construído, negociado e contestado dentro de determinados contextos sociais.

Fairclough (2003, p.124) ainda aborda os discursos “[...] como formas de representar aspectos do mundo”<sup>15</sup>. Ele ainda relaciona o significado representacional ao conceito de discurso como modos de representação desses aspectos, os quais podem ser representados diferentemente, de acordo com a perspectiva de mundo adotada, pois os discursos “não só representam o mundo como ele é (ou melhor, como se vê), mas também são projetivos, imaginários, representando mundos possíveis diferentes do mundo atual e vinculados a projetos de mudança do mundo em direções particulares”<sup>16</sup> (Fairclough, 2003, p.124). É a partir dessa concepção de discurso que Fairclough aponta o estudo das mudanças discursivas como um meio para se apreender as mudanças sociais. Assim, diferentes eventos discursivos representam diferentes visões do mundo, o que significa que qualquer texto carrega consigo essas diferentes representações. Essas representações podem se complementar, competir ou até mesmo dominar umas às outras, conforme argumentado pelo autor. Além disso, os discursos estabelecem pontos nodais na interseção entre a linguagem e outros elementos sociais (Fairclough, 2003).

Fairclough (2003, p.129) também destaca a importância de identificar os temas principais que são representados em um evento discursivo, assim como a perspectiva particular ou ângulo a partir do qual esses temas são abordados. Quando se trata da cultura popular, uma análise meramente estética não seria suficiente, pois ela se destaca por sua relação e conexão com o contemporâneo, refletindo as questões e tendências atuais. Portanto, ao examinarmos eventos discursivos, devemos levar em consideração as diferentes representações do mundo que eles trazem, reconhecendo os temas abordados e a perspectiva específica adotada. Ao considerar esses aspectos, especialmente no contexto da cultura popular, possibilitamos a compreensão das nuances e relevância dos discursos presentes em um mundo em constante evolução.

### **O contexto de South Park**

---

<sup>15</sup> Tradução nossa: “as ways of representing aspects of the world”.

<sup>16</sup> Tradução nossa: “not only represent the world as it is (or rather is seen to be), they are also projective, imaginaries, representing possible worlds which are different from the actual world, and tied in to projects to change the world in particular directions”.

Embora, à primeira vista, South Park possa parecer apenas uma animação grosseira repleta de piadas de mau gosto e vulgaridade, uma análise mais aprofundada revela uma série que oferece muito mais do que isso. É importante não descartar o show prematuramente, como observado por Curtis e Erion (in ARP, 2007, p. 112), que destacam seu aspecto ofensivo e juvenil. No entanto, ao examinar South Park com mais atenção, abrem-se possibilidades de abordagens e interpretações mais amplas. Cantor (2007, p. 102) reconhece as peculiaridades do desenho animado e ressalta que devemos lembrar que alguns dos maiores escritores cômicos da história, como Aristófanes, Chaucer, Rabelais e Shakespeare, também exploraram a obscenidade enquanto se elevavam a alturas do pensamento filosófico. Essa observação nos leva a considerar que South Park não se limita apenas a um humor superficial e grosseiro, mas também pode ser uma plataforma para a crítica social, a sátira política e a reflexão filosófica.

Ao mergulhar nas profundezas da obscenidade, a animação desafia as convenções e se aventura em terrenos tabus, muitas vezes revelando verdades inconvenientes e incômodas sobre a sociedade. Através do uso do humor ácido, a série pode abordar questões controversas e complexas, estimulando o pensamento crítico e a discussão sobre temas importantes. Portanto, é fundamental olhar além das aparências e reconhecer a profundidade que South Park pode oferecer. Embora possa ser crasso e provocativo, também pode ser uma fonte de comentários sociais perspicazes e até mesmo uma forma de explorar questões filosóficas complexas. Essa mistura entre humor irreverente, pensamento profundo, e topicalidade é o que torna a série um fenômeno cultural duradouro e digno de consideração séria.

Ao ser comparado a outras séries de animação, South Park se destaca por suas técnicas de produção exclusivas, o que permitiu que o programa se mantivesse excepcionalmente atual desde que estreou em 1997. Uma das principais razões para essa atualidade é o uso de técnicas de animação que são ágeis e eficientes. Ao utilizar modelos simples e reutilizáveis, previamente elaborados em softwares, a equipe de produção consegue concluir os episódios em uma semana e realizar alterações até poucas horas antes da exibição (Becker, 2008). Essa abordagem de produção rápida e flexível é uma das suas características distintivas. Ao contrário de outras animações que requerem longos processos de produção, permitindo que os episódios sejam

finalizados com meses de antecedência, South Park tem a capacidade de abordar eventos e temas contemporâneos com uma velocidade impressionante. Isso significa que os criadores e roteiristas podem se inspirar em notícias recentes, desenvolvimentos culturais e políticos atuais e incorporá-los nos episódios em um curto espaço de tempo.

Essa agilidade de produção e a capacidade de fazer alterações de última hora garantem que o desenho possa se adaptar rapidamente às mudanças na sociedade e manter seu conteúdo atual e relevante. Além disso, essa abordagem permite que a série lide com assuntos polêmicos e controversos com rapidez, respondendo aos acontecimentos e desafiando normas e convenções estabelecidas. Outro detalhe característico da série é o fato que os criadores Trey Parker e Matt Stone geralmente escrevem episódios 6 ou 5 dias antes da exibição para manter os tópicos o mais atual e relevante possível. South Park foi uma das primeiras séries com roteiro a abordar o “novo normal” frente a atual pandemia da Covid-19, com um episódio especial de 1 hora, por exemplo. Além disso, como Parker e Stone têm plena liberdade para realizar suas ideias, o programa pode responder a eventos do cotidiano “quase em tempo real” (Becker, 2008, p.149). Logo, não é à toa que o desenho retornou no começo de 2021, com outro especial de 1 hora que satirizou a *QAnon*<sup>17</sup> e abordou as vacinas e as campanhas de vacinação contra a Covid-19.

Nas primeiras temporadas da série, especialmente até a temporada 15, a cidade homônima do desenho era retratada como um verdadeiro espaço seguro, protegido contra ameaças externas. Apenas amigos e pessoas com opiniões semelhantes eram bem-vindos e podiam se estabelecer lá. No entanto, à medida que a realidade evoluía, também surgiam novas ameaças à segurança em South Park, acompanhando os avanços e as mudanças do mundo moderno. Agora, as preocupações com a segurança não se limitam mais ao espaço físico, pois o ciberespaço também se tornou uma arena infiltrada por ameaças.

Essa evolução reflete a transformação da noção de segurança na sociedade contemporânea. Anteriormente, a segurança era associada principalmente à proteção

---

<sup>17</sup> Teoria da conspiração de grupos de extrema-direita que alega que uma conspiração de pedófilos satânicos e canibais comanda uma rede global de tráfico sexual infantil e conspirou contra o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump, durante seu mandato.

física contra perigos tangíveis. No entanto, com o avanço da tecnologia e a crescente dependência da internet, novas formas de ameaças surgiram. O ciberespaço trouxe consigo uma série de riscos, como o roubo de informações pessoais, o bullying online, a disseminação de desinformação e a invasão da privacidade. Nos episódios trabalhados, essas preocupações com a segurança são abordadas de forma satírica, mostrando como os personagens lidam com as ameaças virtuais. A série evidencia como o ciberespaço também se tornou um campo de batalha, onde a segurança é constantemente desafiada e os personagens precisam encontrar maneiras de se proteger e se adaptar a essa nova realidade.

Dessa forma, South Park reflete a mudança nas preocupações de segurança da sociedade contemporânea, mostrando como o espaço seguro agora inclui não apenas o ambiente físico, mas também o mundo virtual. A série lança luz sobre os desafios e as complexidades enfrentadas pelas pessoas nesse novo contexto, enquanto utiliza seu humor característico para explorar as contradições e as ironias presentes nesse cenário cada vez mais interconectado.

### **Análise dos Dados**

Os episódios "Safe Space" e "Truth and Advertising", pertencentes à 19ª temporada de South Park, abordam de forma satírica e provocativa questões relacionadas à sociedade contemporânea. Em "Safe Space", a série aborda a ideia dos espaços seguros na internet e como eles podem levar ao excesso de sensibilidade e à censura de opiniões divergentes. O episódio retrata Cartman e outros personagens, incluindo representações de celebridades reais como a cantora Demi Lovato e o ator Steven Seagal, como incapazes de lidar com críticas online que minam suas autoestimas, o que leva à criação de um espaço seguro onde ninguém possa criticá-los, já que os comentários negativos são filtrados. No entanto, a ironia é que a criação desse espaço seguro acaba gerando consequências negativas inesperadas, mostrando os perigos de um ambiente excessivamente protegido.

Já em "Truth and Advertising", a série aborda a influência da publicidade e do marketing na sociedade. O episódio satiriza a manipulação das pessoas por meio de estratégias enganosas. Ele mostra como as empresas usam informações pessoais

dos indivíduos para direcionar anúncios específicos, explorando suas fraquezas e desejos. Os personagens da série são submetidos a anúncios cada vez mais invasivos, que começam a afetar sua privacidade e liberdade de escolha. O episódio critica a influência excessiva da publicidade e questiona até que ponto as pessoas são verdadeiramente autônomas em suas decisões diante dessa pressão constante.

Tanto "Safe Space" quanto "Truth and Advertising" evidenciam a habilidade de South Park em abordar temas contemporâneos e desafiadores. A série utiliza seu humor irreverente para lançar críticas sociais, expondo as contradições e os problemas da sociedade moderna. Esses episódios exploram questões como censura, sensibilidade excessiva, manipulação e invasão de privacidade, convidando os espectadores a refletir sobre esses problemas e suas implicações na vida cotidiana. Por meio de sua sátira afiada, South Park oferece uma visão única e provocadora sobre essas questões, estimulando debates e questionamentos sobre o mundo em que vivemos. Seguem, respectivamente, dois extratos dos episódios *Safe Space* (episódio 05 temporada 19) e *Truth and Advertising* (episódio 09 temporada 19):

Extrato 01:

Randy: "Este é um espaço seguro. Não temos permissão para ultrapassar. Quando você invade um espaço seguro em uma faculdade, está cruzando a fronteira humana mais sagrada que existe".

Caitlyn: "Aham, sei. Fala sério!"

Randy: "Nananã, veja, isso é muito real e muito importante na cultura do PC. Todo ser humano tem direito a um espaço seguro que não pode ser violado".

Garrison: [determinado] "Eu posso. Veja". [levanta a fita do espaço seguro e passa por baixo em direção ao prédio]

Randy: "Uau, como você-?" [Diretora Victoria e Caitlyn Jenner fazem o mesmo]

Randy: "Uau".

Aparentemente, a segurança, nos tempos modernos, tornou-se um luxo que devemos proteger a todo custo. Em meio a uma infinidade de ameaças que podem penetrar nossos espaços pessoais, Randy destaca o espaço seguro como "a fronteira humana mais sagrada que existe" de forma superlativa. Essa ampliação do significado do espaço seguro ressalta sua importância e a necessidade de respeitá-lo. No entanto, o uso hiperbólico da expressão "isso é muito real" por Randy não apenas reforça sua convicção, mas também revela a relativa natureza da realidade, que muitas vezes nos doutrina com nossas próprias ideias, ampliando nosso desejo por

coisas familiares e nos tornando alheios aos perigos que espreitam no “território desconhecido” (Pariser, 2015, p.59).

Através desse exagero retórico, Randy destaca a importância de estabelecer e proteger espaços seguros como uma defesa contra o desconhecido e o imprevisível. No entanto, é importante reconhecer que, por vezes, essa ênfase exagerada pode levar a uma visão estreita da realidade, limitando nossa capacidade de lidar com os desafios e riscos que estão além das fronteiras do espaço seguro. Como observa Pariser (2015), tendemos a ser atraídos por ideias e informações que são familiares e confortáveis para nós, negligenciando as ameaças que podem surgir do desconhecido.

Portanto, enquanto defendemos a importância dos espaços seguros, é fundamental equilibrar essa busca por segurança com uma abertura para o novo e o desconhecido. Devemos estar cientes dos perigos que podem surgir ao nos isolarmos em nossas bolhas de conforto e buscar informações e experiências que nos desafiem e expandam nossos horizontes. Somente assim poderemos alcançar uma segurança verdadeira e significativa, que abrange não apenas o familiar, mas também nos prepara para enfrentar os desafios e incertezas do mundo em constante evolução.

No aspecto linguístico, o uso do marcador de intensidade "muito" no discurso de Randy reforça sua argumentação. A proibição enfatizada por meio do modalizador "não pode ser violado" carrega uma carga avaliativa, transmitindo a ideia de restrição e imposição de limites. Além disso, a presença do elemento negativo "não" cria uma sensação de envolvimento emocional e paixão pelo assunto, ao mesmo tempo em que revela uma posição de submissão e dominação (Fairclough, 2016). Essa representação tem como consequência retratar a segurança como uma conveniência que pode ser reivindicada, influenciada pelas ideologias provenientes de discursos hegemônicos, em vez de ser vista como um direito inerente a todos.

No entanto, essa submissão ideológica pode ser revertida por meio da autorreflexão e do acesso a informações verídicas e relatos históricos (Fairclough, 2016). Ao analisar criticamente as narrativas dominantes e buscar conhecimento embasado, é possível desafiar as noções preestabelecidas e reconstruir uma compreensão mais ampla e inclusiva da segurança. Através desse processo, as pessoas podem se libertar das influências ideológicas e reivindicar seu direito a uma segurança autêntica, baseada em princípios de justiça e equidade. Dessa forma, a

análise revela como as escolhas linguísticas, como o uso de intensificadores e elementos negativos, podem transmitir ideologias e moldar percepções sobre segurança. No entanto, ao questionar essas representações e buscar informações embasadas, é possível desafiar a submissão ideológica e construir uma compreensão mais crítica e consciente desse conceito fundamental.

Extrato 02:

Cartman: “Todo mundo gosta de mim e acha que sou o melhor em meu lugaaaar seguro”.

Steven Seagal: “Meu lugaaaar seguro”.

Cartman: “As pessoas não me julgam e os odiadores não odeiam em meu lugaaaar seguro”.

Diretor PC: “Seu lugaaaar seguro”.

Cartman e Seagal: “Janelas à prova de bullying, portas à prova de trolls, nada além de bondade e cura”.

Randy: “Você pode me chamar de frouxo, mas não vou ouvir você no meu lugaaaar seguro”.

Seagal: “Meu lugaaaar seguro”.

Cartman: “Janelas à prova de bullying”.

Demi Lovato: “Se você não gosta de mim, você não tem permissão para entrar no meu lugaaaar seguro”.

Modelos plus size: “Meu lugaaaar seguro”

Diretor PC: “Olhe e você verá que há um público muito seletivo em seu lugaaaar seguro”.

Todos: “Meu lugaaaar seguro”.

Cartman: “Pessoas que me apoiam”.

Todos: “Misturadas com...”

Cartman: “Mais pessoas que me apoiam”.

Todos: “E falando coisas boas. Arco-íris ao meu redor. Não há vergonha no meu lugaaaar seguro”.

A música entoada pelos participantes destaca a busca pela aceitação e apoio incondicional, sem espaço para qualquer forma de crítica ou oposição. Ao proclamar frases como “todo mundo gosta de mim”, “as pessoas não me julgam” e “os odiadores não me odeiam”, Cartman exemplifica as características positivas das câmaras de eco presentes na blogosfera. Ele não permite a entrada de opiniões divergentes em seu espaço seguro, e muitas celebridades seguem seu exemplo, fortalecendo essa dinâmica. Conforme observa Fairclough (2016, p. 33), o discurso “é moldado por relações de poder e ideologias, exercendo efeitos construtivos sobre identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença”, elementos que por “muitas vezes passam despercebidos pelos participantes”. Dessa forma, os efeitos dos discursos de aceitação,

reforçados por figuras públicas, podem se tornar naturalizados para aqueles que fazem parte de um determinado espaço seguro nas redes sociais.

No entanto, é importante refletir sobre as consequências desse ambiente de aceitação incondicional. Ao excluir opiniões divergentes e críticas construtivas, os espaços seguros nas redes sociais podem criar uma ilusão de consenso e perpetuar ideias não questionadas. Essa falta de diversidade de perspectivas pode limitar o crescimento intelectual e emocional, e a capacidade de lidar com o mundo real, que é repleto de opiniões conflitantes. É essencial reconhecer que a construção de uma identidade sólida e uma sociedade saudável requer a exposição a diferentes pontos de vista e a habilidade de dialogar e debater de maneira respeitosa.

Outrossim, a música presente nesta cena da série amplifica o humor e a subversão de forma notável. Os versos repetidos em coro, como “pessoas que me apoiam” e “mais pessoas que me apoiam”, aumentam ainda mais o argumento irônico expresso nas letras de Cartman. É evidente que não há variação nas mentalidades das pessoas com as quais ele interage, criando assim uma representação caricatural de um espaço seguro homogêneo. Essa representação satírica enfatiza a tendência das pessoas em buscar informações que sejam agradáveis e confirmem suas próprias perspectivas, enquanto a internet facilita esse comportamento ao fornecer mecanismos de previsão que constantemente refinam uma teoria sobre quem somos e o que desejamos seguir, como apontado por Pariser (2015, p. 8). Também os mecanismos de filtragem e personalização da informação acabam criando um universo de informações exclusivo para cada indivíduo, onde as visões discordantes são ignoradas ou excluídas. Dessa forma, a internet nos permite moldar uma bolha informacional que reforça nossas crenças existentes, enquanto nos mantém afastados de perspectivas divergentes. Esse fenômeno destacado por Pariser (2015, p. 8) revela como a busca por informações agradáveis e o isolamento de visões contrárias podem distorcer nossa percepção da realidade e limitar nosso entendimento do mundo ao nosso redor. Ao retratar essa dinâmica por meio da música e da comédia, a cena na série ressalta a ironia presente na criação de um espaço seguro imaginário, ao mesmo tempo em que critica a facilidade com que acessamos informações seletivas e nos afastamos de visões diferentes. Essa abordagem cômica e subversiva permite uma reflexão sobre os efeitos dessas práticas na formação de nossas opiniões e na sociedade como um todo.

## Considerações Finais

Na sociedade contemporânea, a internet se tornou uma presença tão predominante em nossas vidas que acabou se entrelaçando em praticamente todas as nossas atividades. Nesse contexto moderno, ela se estabeleceu como o principal meio de busca por informações e também como um canal para interações sociais, embora exista uma reflexão sobre até que ponto estamos confiando excessivamente nessa ferramenta e, conseqüentemente, tornando-nos antissociais, como sugere Pariser (2015). A internet, enquanto um não-lugar de Augé (1995), também sugere que ela carece das características distintivas dos lugares físicos. A falta de localização geográfica específica e a ausência de interações face a face podem contribuir para uma sensação de anonimato e despersonalização. As relações estabelecidas na internet muitas vezes são fugazes e superficiais, e a natureza efêmera das interações online pode dificultar o desenvolvimento de conexões profundas e significativas. Apesar disso, a internet também pode ser um espaço de encontro e expressão para comunidades virtuais – seguras – onde indivíduos com interesses comuns se reúnem e criam laços. Esses espaços virtuais podem oferecer um senso de pertencimento e apoio emocional para aqueles que se sentem marginalizados ou isolados em suas vidas offline. Portanto, embora a internet possa ser considerada um não-lugar em termos físicos, seu impacto na vida das pessoas e nas interações sociais é inegável.

Contudo, aqueles que optam por se comunicar online devem ter em mente, de forma implícita ou explícita, que serão expostos a diferentes opiniões, formas de pensar e características pessoais, mas a noção de segurança tal qual apresentada em South Park, relaciona-se à proteção e ao afastamento de mentalidades conflitantes. Nesse ponto, torna-se evidente que a participação em espaços seguros é a abordagem mais adequada para essa interação: ao entrar em uma “bolha”, os participantes compreendem que os outros também fazem parte dela e que todos estão engajados em um jogo que só faz sentido se todos jogarem.

No entanto, Pariser (2015) aponta que, de certa forma, a realidade do mundo exterior tem sido ocultada de nossa percepção devido aos filtros bolhas e espaços seguros presentes em mecanismos de busca e mídias sociais, o que tem nos levado a

uma vida de complacência. Por outro lado, em *South Park*, os criadores Trey Parker e Matt Stone parecem sugerir que viver uma vida isolada, sem atrair qualquer tipo de atenção negativa, ou permanecer em uma zona de conforto onde pontos de vista divergentes não são tolerados, é algo impossível (e talvez até desumano). Além disso, o impacto dos espaços seguros e filtros bolhas na internet vai além das interações sociais. Esses mecanismos também afetam a forma como consumimos informações e moldam nossas perspectivas sobre o mundo. Ao nos restringir a conteúdos que confirmam nossas crenças existentes, corremos o risco de limitar nossa compreensão da realidade e dificultar a exposição a diferentes pontos de vista. Isso pode resultar em uma polarização ainda maior da sociedade, onde as pessoas se isolam em suas próprias bolhas de informação, ignorando perspectivas divergentes e perpetuando estereótipos prejudiciais.

Por outro lado, é importante reconhecer que a internet também pode ser uma ferramenta poderosa para a diversidade e o diálogo construtivo. Ao buscar ativamente espaços de interação que promovam a troca de ideias e o respeito mútuo, é possível construir pontes entre diferentes grupos e promover um ambiente mais inclusivo. Nesse sentido, a responsabilidade recai não apenas nos indivíduos, mas também nas plataformas online e na sociedade como um todo, para promover uma cultura de debate saudável e abertura ao enfrentamento de opiniões discordantes.

## REFERÊNCIAS

- ARP, R. *South Park and philosophy: you know, I learned something today*. USA: Blackwell, 2007.
- AUGÉ, M. *Non-Places: Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. Trad. John Howe. UK: Verso, 1995.
- BECKER, M. "I Hate Hippies". *South Park and the Politics of Generation X*. In WEINSTOCK, Jeffrey Andrew (ed.). *Taking South Park seriously*. Albany, NY: State University of New York Press, 145-164.
- CANTOR, P. L. "The Invisible Gnomes and the Invisible Hand. *South Park and Libertarian Philosophy*" In Arp, Robert (ed.). *South Park and philosophy: you know, I learned something today*. Malden, MA: Blackwell Publishing, 2013, 97-111.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Coord. trad. rev. técnica e pref. I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016. 2 ed.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres e Nova York: Routledge, 2003

- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: the critical study of language*. UK: Person Education Limited, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. UK: Person Education Limited, 1989.
- LEVY, P. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- PARISER, E. *O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2015.
- SOUTH PARK. *Truth and Advertising*. Direção: Trey Parker. Produção: Trey Parker e Matt Stone. Estados Unidos: Paramount, 2019. DVD.
- SOUTH PARK. *Safe Space*. Direção: Trey Parker. Produção: Trey Parker e Matt Stone. Estados Unidos: Paramount, 2019. DVD.
- VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.